Pesquisadores estudam as várias facetas desigualdade de gênero em projeto internacional na USP.

Os temas estudados pela frente brasileira do projeto internacional Gender STI variam desde a interseção entre diplomacia e gênero, até a participação feminina na política. Mas eles compartilham um mesmo propósito: a promoção da igualdade de gênero na sociedade.



Cada vez mais são percebidos os avanços no caminho para a igualdade de gênero, o que envolve a participação plena e efetiva das mulheres e a igualdade de oportunidades para a liderança em todos os níveis de tomada de decisão em diferentes esferas. No entanto, ainda são muitos os obstáculos para que seja atingido o 5º Objetivo de Desenvolvimento Sustentável da Organização das Nações Unidas (ONU) — alcançar a igualdade de gênero e empoderar todas as mulheres e meninas.

Além das desigualdades facilmente identificadas na política e na economia, uma dimensão importante muitas vezes passa despercebida: o lugar das mulheres na ciência. Em sua frente brasileira, o projeto Gender STI – conheça mais sobre ele aqui –, que busca investigar a desigualdade de gênero no âmbito da ciência, tecnologia e inovação, abre espaço para pesquisadoras se debruçarem sobre o tema e dialogarem com uma rede internacional de diagnóstico e proposição de soluções.

Para entender melhor seus estudos e resultados, conversamos com duas pesquisadoras de diferentes campos que têm explorado como as questões culturais e sociais refletem-se na representação feminina no campo científico. Seus estudos demonstram como diversos sinais de progresso ainda coexistem com barreiras significativas, e como os desafios e oportunidades comuns apontam para a necessidade de diálogo e cooperação internacional.

As temáticas das pesquisas variam entre as duas entrevistadas. Gabriela Ferreira, professora e pós-doutoranda em Ciência Política pela FFLCH-USP, foca seus estudos na

interseção entre diplomacia científica e gênero. Sob a supervisão da professora Janina Onuki, seu trabalho foi agraciado com menção honrosa no Congresso de Pós-Doutorandos da USP, em 2023. Já Yasmim Carvalho, graduanda em Ciências Sociais e pesquisadora de Iniciação Científica em Ciência Política pela FFLCH-USP, também sob supervisão de Janina Onuki, analisa a entrada das mulheres na esfera pública e na arena eleitoral e seu efeito nos processos de transição democráticas no Brasil, na Colômbia e na Venezuela.

Mesmo assim, ambas têm um ponto de encontro em seus objetivos: entender os processos históricos e os desafios que se apresentam no caminho para a igualdade de gênero e a participação das mulheres em diferentes contextos globais, seja na área científica, seja na arena política. Assemelham-se, ainda, em suas motivações pessoais de compreender de um ponto de vista feminino as dificuldades enfrentadas por grupos sub-representados e o caminho a ser trilhado em seu enfrentamento para a transformação da realidade social. É nesse sentido que se inserem sob o escopo da construção de uma frente brasileira no Observatório em Gênero associado ao projeto internacional Gender STI, que já possui um Observatório Europeu.

"O projeto Gender STI está diretamente ligado ao meu trabalho, já que ele busca justamente entender e abordar as barreiras que impedem a participação igualitária de mulheres na CT&I [Ciência, Tecnologia e Inovação] em diferentes contextos globais. Essa conexão é fundamental para analisar como políticas internacionais podem influenciar a inclusão de gênero, afirma Gabriela Ferreira" Yasmim Carvalho, por sua vez, ressalta a importância da construção e divulgação de informações sobre a situação das mulheres no Brasil, na América Latina e ao redor do mundo, para a frente brasileira do Observatório em Gender STI: "A história das instituições e da política brasileira no que diz respeito à questão feminina é fundamental, pois reflete-se nas instituições contemporâneas e nos problemas que enfrentamos hoje."

Segundo as cientistas, é de grande importância a existência de uma rede de cooperação internacional que se debruce sobre a desigualdade de gênero em diferentes contextos. Elas argumentam que os diálogos multilaterais internacionais contribuem para o compartilhamento de boas práticas e para a criação de redes globais de apoio, permitindo um alinhamento de diferentes pontos de vista por um mesmo propósito, a fim de expandir a visão sobre um problema e a capacidade de responder a ele.

Porém, as entrevistadas também reconhecem os desafios que são enfrentados na colaboração entre diferentes países: entre eles, estão as diferenças culturais e institucionais que podem dificultar a cooperação, já que a multiplicidade de visões exige diplomacia para que se adapte a diferentes realidades e se entenda todas as nuances que se apresentam. Mesmo assim, isso significa que são encontradas diversas oportunidades de cooperação e diálogo nas soluções e respostas aos problemas. "Temos muito mais a ganhar do que a perder", afirma Carvalho.

As pesquisadoras chamam a atenção para a importância das temáticas estudadas e para o impacto da diversidade de gênero tanto na área de CT&I como na esfera política. Para Ferreira, a diversidade de gênero pode impactar profundamente o desenvolvimento de C&T. "Quando trazemos múltiplas perspectivas para a mesa, conseguimos criar soluções mais completas e inovadoras. Além disso, incluir mais mulheres, assim como outros grupos, abre espaço para novas áreas de pesquisa e abordagens que podem ser negligenciadas em um ambiente menos diverso e menos representativo da realidade", explica. Nesse sentido, o projeto Gender STI tem contribuído para aumentar a conscientização sobre a importância da

equidade de gênero e incentiva governos e instituições a adotarem políticas mais inclusivas, ao servir como uma ferramenta para identificar barreiras e propor soluções práticas, a fim de promover uma maior diversidade em CT&I.

Em concordância, Carvalho afirma que o conhecimento sobre CT&I produzido sob um olhar generificado abre os horizontes para questões que antes eram marginalizadas, e permite a construção de projetos que satisfaçam novas demandas e solucionem problemas que não eram vistos, que a diversidade desvelou. Ela explica: “A diversidade de gênero traz [...] outra forma de ver o mundo, de apreender problemas e de elaborar soluções; levanta questões que nunca antes foram trazidas porque a percepção de determinados problemas vem carregada da nossa posição social, somos seres contextualizados, e nossa apreensão da realidade está sujeita a isso, vemos o que temos cognição para ver.”

Carvalho oferece um exemplo do impacto prático da diversidade e inclusão percebido em suas pesquisas: “É apenas com a gradual entrada das mulheres na esfera pública, na arena política através de organizações sociais, no mercado de trabalho e nas instituições políticas, que as creches se tornam direito constitucional das crianças, uma conquista que muito se relaciona com a diversidade de gênero em contextos de tomada de decisão”. Da mesma forma, no âmbito da Ciência, Tecnologia e Inovação, a pluralidade é responsável por trazer novas visões de mundo, questionamentos e soluções para dentro de seu processo de pensar e moldar não somente experimentos em laboratórios, mas toda a sociedade.

Se você se interessou pelo tema, você pode visitar o site do observatório europeu em Gender STI para saber mais sobre as informações e as publicações do projeto. E você pode acessar este link para ler as entrevistas com as pesquisadoras na íntegra.